



OS MAPAS JORNALÍSTICOS SOBRE AS UNIDADES DE POLÍCIA PACIFICADORA COMO REPRESENTAÇÃO VISUAL DO *FAVELISMO*

■ LIEBERT RODRIGUES*

Resumo: No contexto dos conflitos decorrentes da implantação das Unidades de Polícia Pacificadora nas favelas cariocas, o jornal O Globo representou através de mapas a favela em seu noticiário sobre o tema. Partindo do princípio de que os mapas são imagens que se apresentam enquanto 'verdades' sobre o espaço e que o jornal é um veículo de comunicação que fabrica 'verdades', o presente trabalho tem como objetivo demonstrar que esses mapas jornalísticos apresentaram uma forma de representação que pode ser reconhecida como favelismo. Em referência ao orientalismo de Edward Said, o favelismo foi o termo cunhado por Márcia Pereira Leite para denominar as representações hegemônicas que inferiorizaram um determinado Outro – os indivíduos associados à favela e o seu espaço. Analisaremos o favelismo enquanto uma matriz de discursos inferiorizantes que se manifestaram nesses mapas jornalísticos, que produziram e reproduziram uma determinada imaginação geográfica sobre as áreas favelizadas.

Palavras-chave: favelismo; mapas jornalísticos; Unidade de Polícia Pacificadora; geografia imaginativa; discursos sobre o Outro.

Introdução_____

Naquele novembro do ano de 2008, o Morro Dona Marta amanheceu ocupado por uma presença insólita: sem grande

alarde midiático, uma companhia da Polícia Militar do Rio de Janeiro ocupou o edifício onde funcionava uma creche e ali se estabeleceu, no alto da favela. O secretário de Segurança daquela época,

José Mariano Beltrame, se limitou a declarar: “Vamos criar uma nova maneira de policiamento comunitário, com uma nova nomenclatura.”¹ A partir de então, esse novo policiamento ganhou paulatinamente um grande espaço nos veículos de imprensa e na fala das autoridades, como sendo uma política de segurança pública inovadora e promissora. No início do ano de 2009 esse novo modelo de ação policial seria finalmente batizado de Unidade de Polícia Pacificadora, ou simplesmente UPP, sigla que desde então esteve no centro do debate sobre violência e segurança no Rio de Janeiro. Mas afinal, como se poderia definir a UPP? Segundo o discurso oficial, a UPP

tem como objetivo a retomada permanente de comunidades dominadas pelo tráfico, assim como a garantia da proximidade do Estado com a população. A pacificação ainda tem um papel fundamental no desenvolvimento social e econômico das comunidades, pois potencializa a entrada de serviços públicos, infraestrutura, projetos sociais, esportivos e culturais, investimentos privados e oportunidades.²

A evidência do fracasso dessa “pacificação” (TEIXEIRA, 2010, 2011,

SOUZA, 2012, FERRAZ, 2012, BRITO e OLIVEIRA, 2013, LEITE, 2015, MACHADO DA SILVA, 2015 e outros) demonstrou que esse discurso oficial sobre a UPP foi excessivamente otimista. A despeito dos efeitos nefastos das UPPs virem à tona, diversos veículos de comunicação adotaram também o mesmo entusiasmo com relação a elas, dentre os quais se inclui àqueles das Organizações Globo³, grupo midiático cuja grande influência sobre a opinião pública brasileira é inquestionável. A importância de se examinar as falas desse grupo reside não apenas por conta do amplo alcance dos seus discursos, mas por se tratar de uma instituição que constantemente produz narrativas sobre as políticas públicas para espaços e populações marginalizadas a partir do seu ponto de vista hegemônico. Assim foram produzidas na imprensa representações de alteridades inferiorizadas, levando em conta que, historicamente, “a favela foi representada como um dos fantasmas prediletos do imaginário urbano: como foco de doenças, gerador de mortais epidemias; como sítio por excelência de malandros e ociosos, negros inimigos do trabalho duro e honesto; como amontoado promíscuo de populações sem moral” (ZALUAR e ALVITO, 1998, p. 14).

No que tange especificamente ao jornal O Globo, observei durante a pesquisa para a minha dissertação de mestrado que o referido jornal se posicionou sempre em apoio às UPPs (RODRIGUES, 2017). Este resultado foi verificado através da coleta e análise de 688 páginas do noticiário sobre o tema entre os anos de 2008 e 2016. Nesse conjunto de páginas estiveram presentes 51 mapas, que compuseram o hall de imagens desse jornal sobre a UPP juntamente com diversas fotografias, ilustrações e infográficos. No entanto, o mapa se diferencia de outras imagens por ser um objeto essencialmente geográfico de produção e reprodução de conhecimentos sobre o espaço.

Considerando o posicionamento do jornal O Globo com relação às UPPs bastante problemático e reconhecendo a importância dos mapas enquanto imagens com particular poder inseridas em um veículo midiático com notável influência sobre o imaginário acerca dos espaços, o objetivo do presente trabalho é demonstrar como alguns mapas sobre a UPP publicados no jornal O Globo podem ser exemplos de representações do favelismo. O favelismo, termo cunhado por Márcia Pereira Leite (2014) em referência ao orientalismo descrito por Edward Said (1990), deve ser a princípio

entendido aqui como uma matriz de discursos dominantes que produziu representações inferiorizadas da favela e dos seus moradores. Esse tipo de discurso sobre a favela está presente nas falas das elites cariocas desde o início do século XX, onde a favela foi constantemente criminalizada pelas autoridades e através da imprensa (ZALUAR e ALVITO, 1998). Nesse sentido, a narrativa sobre a UPP empreendida por determinados mapas do jornal O Globo promoveram um encontro entre o Eu e o Outro de um ponto de vista dominante, sendo esse Outro qualquer indivíduo associado à favela, seja o morador da favela, o narcotraficante que atua no local ou ambos, exibido dentro de um padrão de representações homogeneizantes que sugerem que todas as pessoas ligadas à favela têm relação com a criminalidade e a marginalidade.

1 - Mapa jornalístico e imaginação geográfica _____

Por que examinar os mapas jornalísticos? O fato de estar presente dentro de um veículo de comunicação de massa certamente diferencia os mapas jornalísticos de todos outros gêneros cartográficos. O mapa jornalístico, assim como as notícias, é produzido para ser 'lido' de maneira fácil e rápida (GREEN,

1999). Esse mapa deve ter uma boa aparência, que capture a atenção do leitor (GREEN, 1999). O mapa pode ser um tipo de imagem bastante adequada à forma de leitura que o público faz do jornal, considerando que “há algumas indicações de que as pessoas costumam estudar os mapas sem ler a notícia que acompanha” (PERKINS e BARRY, 1996 apud CHURCHILL e STEGE, 2006, p.57).

Acima de tudo, o mapa jornalístico é uma imagem que possui grande circulação, sendo o gênero cartográfico “que as pessoas encontram com mais frequência em suas vidas cotidianas” (GILMARTIN, 1985, p.1). A interpretação dessas representações cartográficas é empreendida entendendo que “Mapas são produções culturais de discursos sobre o território” (GIRARDI, 2000, p. 43), e por isso “é possível ler a sociedade por meio de seus mapas” (Ibid.). Para essa ‘leitura’ dos conteúdos e significados de um mapa, “se exige que ele [o mapa] seja inserido nos contextos e processos sociais, históricos e técnicos dos quais emerge e sobre os quais ele age” (COSGROVE, 2008, p. 156). Essa abordagem sobre os mapas se insere em uma perspectiva crítica sobre cartografia.

A partir da década de 1980, os autores da chamada cartografia crítica empreenderam a desconstrução da ideia

dos mapa enquanto um espelho do real, considerando então a cartografia enquanto uma construção social dotada de poder (AZÓCAR e BUCHROITHNER, 2014). No exercício de crítica aos mapas, o objetivo da cartografia crítica não é apontar as falhas e erros dos mapas e nem invalidá-los, e sim analisar as relações políticas, culturais e sociais de poder e conhecimento embutidas no pensamento cartográfico (CRAMPTON e KRYGIER, 2006). Alguns exemplos de nomes importantes dentro da cartografia crítica são John Brian Harley, Jeremy Crampton, Denis Wood e John Krygier.

Segundo Crampton e Krygier (2006), os autores da cartografia crítica direcionaram a sua crítica à busca empreendida pela cartografia acadêmica da segunda metade do século XX por representações cada vez mais verídicas de uma suposta realidade preexistente. Para os autores, a cartografia crítica não empreendeu esta busca, e sim assumiu que os “mapas produzem realidade tanto quanto a representam” (CRAMPTON e KRYGIER, 2006, p. 14). No entanto, ainda que os mapas não sejam a verdade sobre o espaço real, a ideia oposta foi construída historicamente, prevalecendo até os dias atuais, visto que “A ideia de que os mapas podem produzir uma imagem ‘cientificamente’ exata do mundo, em que

as informações fáticas são representadas sem pré julgamentos está bem fundada na nossa mitologia cultural” (HARLEY, 2009, p.9).

Essa pretensa fidelidade à realidade dos mapas, no caso da cartografia jornalística, é somada ao fato de estar dentro de um veículo de comunicação a serviço da construção de ‘verdades’, sendo o jornal uma ‘construção do acontecimento’ (MOUILLAND e PORTO, 2002, p.192). Segundo Maurice Mouilland e Sérgio Porto (2002), as duas maiores funções do jornal são fazer-saber, na qual a “Finalidade dominante do discurso do jornal é a de produzir um efeito real” (p. 27), e fazer-creer, na qual o discurso se faz pelo “recurso a um argumento de autoridade, que se fundamente na credibilidade do enunciador e na credulidade do leitor” (p. 27).

De acordo com Motta (2002), “embora as notícias não sejam ficção, são estórias sobre a realidade e não a realidade em si” (p. 317), dentro de um paradigma que considera as notícias enquanto construções discursivas. Nos discursos, na perspectiva de Michel Foucault (2008), são produzidos ‘efeitos de verdade’, considerando “discursos que funcionam como verdade, que passam por tal e que detêm, por este motivo, poderes

específicos” (idem, 1998:231). A partir disso, os discursos jornalísticos não devem ser vistos como verdadeiros e nem falsos, e sim como uma fala que deseja ser vista como ‘verdade’. Foucault (2008) reconheceu também que a localização social de um discurso é de grande influência para o seu poder, sendo aceito enquanto ‘verdade’ quando o sujeito que discursa possui autoridade social. Assim podemos imaginar o poder dos discursos de um grande veículo midiático como o jornal O Globo, enquanto um produtor de ‘verdades’ amplamente aceitas pelo público, em detrimento à outras narrativas de grupos marginalizados/subalternizados.

Portanto, a relevância de representações da favela em mapas jornalísticos reside no mapa ser aceito culturalmente como uma imagem de conhecimento espacial ‘factual’ inserida em um veículo de comunicação que se pretende enquanto um fabricante de ‘verdades’. Assim sendo, o mapa pode então comunicar informações geográficas na imprensa com alto grau de credibilidade frente ao público, produzindo imaginários ‘confiáveis’ sobre os espaços. André Novaes (2010) reconheceu a participação notável dos mapas jornalísticos na produção de geografias imaginativas sobre os lugares

distantes dos leitores do jornal, onde “As informações geográficas são comunicadas na imprensa através de meios distintos, porém, ao representarem um espaço desconhecido para a maioria de seus leitores, os jornais geralmente valorizam um tipo peculiar de imagem: os mapas” (p. 3-4).

Dessa forma, chegamos ao conceito de geografias imaginativas que, em uma perspectiva crítica, podem ser definidas como “representações de lugar, espaço e paisagem que dramatizam a distância e a diferença de tal forma que o ‘nosso’ espaço é dividido e demarcado do espaço ‘deles’.” (GREGORY, 1995, p. 19). Autores como Edward Said (1990), Derek Gregory (1995) e Felix Driver (2005) reconheceram que a difusão de discursos sobre o espaço, através dessas geografias imaginativas tem um importante papel na construção do conhecimento geográfico do público em geral. Sendo o jornal O Globo um dos veículos midiáticos impressos de maior circulação no país, é possível considerá-lo como um importante propagador do imaginário geográfico sobre a favela.

Edward Said (1990) foi um dos pioneiros na construção da ideia de geografia imaginativa, demonstrando esta através dos discursos e práticas do Ocidente sobre o Oriente, que forjaram

uma imaginação estereotipada e reducionista sobre os espaços do Outro, em oposição aos espaços nossos, o que facilitou distinções arbitrárias entre o que é próximo/conhecido e o que é distante/desconhecido. Essa imaginação geográfica eurocêntrica perpetuou generalizações sobre todos os espaços posicionados no mundo como parte do Oriente, ignorando as diversas distinções culturais, sociais, políticas, econômicas e históricas, reduzidas a imagens simplificadas. Entende-se que imaginar o espaço desconhecido do Outro como uma terra bárbara foi, historicamente, uma justificativa para a conquista, dominação e devastação dos espaços do Outro. Said (1990) e Driver (2005) também reconheceram que as formas de se imaginar um determinado espaço estão intimamente ligadas às ações sobre eles. Edward Said afirmou que imaginação e representação poderiam “preparar o caminho para que os exércitos, as administrações e as burocracias fariam mais tarde no local”. (SAID, 1997 apud NOVAES, 2010, p. 35).

O poder das geografias imaginativas se torna mais importante quando a imprensa produz representações de um espaço desconhecido do seu público-alvo, onde “os discursos passam a desempenhar um papel central na

imaginação, auxiliando na difusão de associações simplistas entre atributos selecionados e zonas geográficas específicas” (NOVAES, 2010, p. 27). Sabemos que na maior parte das vezes a favela é um lugar estrangeiro para a ‘população do asfalto’ (CARDOSO, 2015, p. 154), o que faz com que grande parte dessa população não construa o seu imaginário sobre a favela baseado em experiências presenciais nesse espaço. Nesse processo de representação do espaço do Outro, a imaginação espacial nos discursos jornalísticos possui um importante papel na descrição dos lugares desconhecidos.

Embora esteja presente em qualquer processo de mapeamento, a imaginação é particularmente evidente quando se trata da representação de um espaço desconhecido, sobre o qual desenvolvem-se sentimentos de alteridade. A forma como imagino o ‘outro’ certamente influencia na seletividade aplicada no momento de elencar ‘características’, ‘temas’ ou ‘assuntos’ a serem representados. No caso da representação do ‘desconhecido’, os discursos passam a desempenhar um papel central na imaginação, auxiliando na difusão de associações simplistas entre atributos

selecionados e zonas geográficas específicas. (NOVAES, 2010, p. 27)

Nesse imaginário, Cristiane Cardoso (2015) coloca o contraponto entre favela e asfalto, oposição que permeia esta análise das representações sobre o Outro no contexto da cidade do Rio de Janeiro. Um ponto muito importante dentro do que a autora expõe é a favela ser “identificada pelo que ela não é e pelo que não possui em relação ao Outro [asfalto]” (CARDOSO, 2015, p. 162). Esta relação entre as duas entidades geográficas – favela e ‘asfalto’ –, tal como a autora demonstra, pode dialogar com a forma de representação do Oriente construídas pelo Ocidente na qual, segundo Said (1990), o dominante construiu a imagem do dominado para, simultaneamente, construir a sua própria imagem. Nesse sentido, as representações sobre a favela produzidas e reproduzidas no ‘asfalto’ servem tanto para inferiorizar a favela quanto para qualificar o ‘asfalto’, justificando a dominação do ‘superior’ sobre o ‘inferior’.

No jornal O Globo, os eventos relativos aos conflitos provocados pelas UPPs são relatos sobre um espaço que não deixa de ser uma terra ‘distante’ e desconhecida para a maioria dos leitores e profissionais de imprensa do jornal, ainda

que, ao mesmo tempo, muitas favelas cariocas estejam presentes dentro dos chamados bairros nobres da cidade. Este paradoxo proximidade/distância entre o ‘asfalto’ e a favela é uma característica marcante das relações existentes no Rio de Janeiro, o que certamente afeta o imaginário sobre os espaços favelizados da cidade. A distância social entre os dois espaços contribui para o aprofundamento da alteridade entre eles, enquanto que a proximidade espacial faz da favela e dos seus moradores um ‘bode expiatório’ perto o suficiente quando se precisa achar um culpado para a insegurança no ‘asfalto’.

Assim sendo, os discursos da mídia sobre a favela “auxiliarão na construção de uma representação coletiva da ‘população do asfalto’ [principal público leitor do jornal] que não vivencia diretamente os problemas e as virtudes do lugar, porém, constrói uma imagem sobre a favela.” (CARDOSO, 2015, p. 154). Nesse sentido, os mapas jornalísticos podem contribuir dessa forma para a construção do imaginário sobre o espaço da favela pois são, segundo Karen Culcasi (2006), “objetos culturais, sociais e políticos que afirmam mensagens sutis. Essas mensagens ajudam a moldar nossa imaginação geográfica e podem até mesmo afetar opiniões e políticas públicas” (p. 687). A importância dos mapas da

imprensa na disseminação desse imaginário espacial sobre a favela reside na hipótese de Katariina Kosonen (1999) de que os mapas jornalísticos definem os lugares na mente do público, apresentando a este uma visão de mundo condicionada pelas normas e valores sociais do veículo midiático. No entanto, há de se salientar que qualquer produção cartográfica jornalística manifesta uma imaginação geográfica que existe tanto entre os produtores quanto espectadores do jornal, já que estão imersos no mesmo contexto social e sujeitos aos mesmos valores (CHURCHILL e STEGE, 2006).

Considerando a capacidade dos mapas jornalísticos de influenciar a imaginação geográfica dos seus leitores (CULCASI, 2006), o mapa pode ser uma poderosa ferramenta de retórica da narrativa jornalística sobre os conflitos provocados pelo UPP, conflitos que possuem um conteúdo evidentemente espacial quando se trata da ocupação de um espaço historicamente marginalizado – a favela. Por conta da sua reputação ‘confiável’, mesmo um pequeno mapa jornalístico pode servir para dar autenticidade às representações ali presentes, o que, no caso da UPP, pode corroborar o imaginário espacial sobre a favela que se manifesta no jornal O Globo.

2 - A favela nos mapas jornalísticos ____

Para entender como a favela foi representada nos mapas dos grandes jornais brasileiros e o que é o favelismo através desses mapas, é preciso antes examinar o que se imaginou sobre a favela ao longo dos anos. Desde os seus primórdios a favela carioca têm sido imaginada pelas autoridades, mídia e parcelas da sociedade como locus da desordem e da violência na cidade (ZALUAR e ALVITO, 1998). Assim sendo, muitas políticas públicas colocaram a favela como um espaço no qual se atua com energia para restaurar a ‘ordem’ e a ‘segurança’, considerando que, “Tipificadas como os territórios da violência na cidade, as favelas passaram a ser objeto de políticas e práticas estatais no campo da segurança pública” (LEITE, 2014, p.627).

No contexto dessas práticas nas áreas favelizadas, diversos discursos sobre a favela foram produzidos socialmente: Zaluar e Alvito (1998) afirmaram que “já no início deste século os morros da cidade eram vistos pela polícia e alguns setores da população como locais perigosos e refúgios de criminosos” (p. 10). Ao mesmo tempo que esses espaços da pobreza foram constantemente criminalizados no Rio de Janeiro, a figura do Outro – o morador da

favela – se apresentou como o ‘inimigo público’ do Estado. Esse Outro é um corpo estranho no espaço que contrapõe a favela – o ‘asfalto’ –, sendo então necessário, aos olhos das autoridades, mantê-lo sob controle tanto na favela quanto no ‘asfalto’, em nome da ‘ordem’ e da ‘segurança’ das quais ele geralmente é considerado um adversário.

A favela foi constantemente apresentada no noticiário a partir das colunas policiais, sendo classificada como o lugar do ‘perigo’, do ‘crime’ e da ‘desordem’⁴ (ABREU, 1994). Portanto, este é o contexto geral da fala da imprensa sobre as favelas cariocas, onde os mapas jornalísticos estiveram presentes de diferentes formas em cada época. Conforme André Novaes (2014) reconheceu, os primeiros mapas que mostraram a favela foram publicados no contexto de notícias relativas aos grandes projetos urbanos do início do século XX. Nesses mapas, as favelas eram ‘silenciadas’, representadas como uma área vazia, um local efêmero que desapareceria da cidade com a continuidade daquelas reformas urbanísticas (NOVAES, 2014), na esteira da política de remoção de favelas que só se esgotaria em meados da década de 1970. Assim seguiu:

Com o evidente fracasso das políticas de remoção durante grande parte

do século XX, a imprensa se voltou cada vez mais para tópicos diferentes em relação às favelas. Após a década de 1970, as favelas pareciam ter ‘ganho’ e o seu lugar permanente na cidade parecia inevitável, o que, por sua vez, estimulou um mapeamento mais frequente delas na imprensa brasileira. O desenvolvimento da cartografia na imprensa, combinado com o reconhecimento da permanência das favelas na cidade, levou os mapas jornalísticos brasileiros a não mais simplesmente silenciar as favelas, mas enfatizar a participação desses lugares em problemas urbanos emergentes, como o ilícito tráfico de drogas. (NOVAES, 2014, p. 10).

Então, após o silenciamento, os mapas jornalísticos deram grande visibilidade às favelas. No entanto, não se tratava de uma exposição positiva: esses mapas faziam parte de um discurso jornalístico que associava exclusivamente a favela às drogas ilícitas e ao narcotráfico. Se antes, nos mapas, a favela era um local sem importância, provisório, agora elas “começaram a ocupar um lugar de destaque nos mapas jornalísticos, como territórios dominados por gangues rivais competindo pelos principais pontos de venda de drogas na cidade.” (NOVAES, 2014, p. 12).

Esse contexto, onde as favelas foram representadas como ‘estados paralelos’ controlados por narcotraficantes (NOVAES, 2014), é o ponto de partida para analisar os mapas sobre as UPPs: se antes a favela era o território da criminalidade, agora é o lugar onde o Estado se faz presente, seja através da construção de muros ou de ações policiais de ‘pacificação’. Nesses dois momentos do discurso jornalístico a favela é o principal (senão único) foco da violência na cidade. Novaes (2014) reconheceu que essas recentes intervenções do Estado na favela (o autor cita as UPPs e a construção de muros em volta de favelas) tiveram forte impacto na publicação de mapas jornalísticos. Nesse novo fôlego da cartografia jornalística sobre a favela, Marcelo Lopes de Souza (2012) também observou a proliferação de mapas mais especificamente no noticiário sobre as UPPs, onde “jamais se viu antes, nos grandes jornais (em especial n’O Globo e na Folha de São Paulo), tamanha profusão de mapas: alguns apenas com a localização dos ‘territórios a serem reconquistados’ pelo Estado, outros com um acompanhamento da geografia do avanço das ‘forças da ordem’” (p. 118). A figura a seguir foi o primeiro mapa sobre o tema publicado n’O Globo.



Figura 3: Como foi a conquista do Complexo do Alemão. Fonte: O Globo, Rio de Janeiro, 29 nov. 2010. c. Especial (A guerra do Rio), p.10 - 11.

No discurso onde foi produzida a narrativa dos mapas 2 e 3, os conflitos provocados pela ‘pacificação’ foram narrados pelo jornal como uma conquista militar, onde o dia da ocupação do Complexo do Alemão foi ressignificado nas matérias relativas aos acontecimentos como Dia D, assim como a favela foi considerada um bunker/trincheira outrora defendida por hordas de narcotraficantes derrotados pelas forças policiais e militares através de uma Blitzkrieg. Nesses mapas se narrou o que O Globo chamou de “A guerra do Rio”, fabricando um enredo onde foram mobilizadas referências visuais para representar um cenário de guerra e os seus elementos: heróis, vilões, territórios, armas, estratégias, etc.

Esses mapas foram publicados em um momento bastante específico do

discurso do jornal O Globo sobre as UPPs, onde os conflitos decorrentes da UPP na ocupação do Alemão, Penha e Vila Cruzeiro foram retratados como sendo uma guerra. Dessa forma, esses mapas são como uma imagem de guerra em uma notícia que quer ser vista como uma guerra, apesar dos eventos relativos às UPPs não serem uma guerra de fato. Nesse período, que vai do final de novembro ao início de dezembro do ano de 2010, o apoio do jornal à UPP era ostensivo, o que interferiu diretamente na publicação dos mapas: através da minha pesquisa de dissertação foi possível reconhecer que durante esse momento os mapas foram usados com maior frequência, tamanho e riqueza pictórica⁵. Aqui se considera que nos mapas desse período o favelismo tal como veremos a seguir se expressou de maneira mais explícita.

A ocupação policial-militar da favela ter sido noticiada como uma guerra foi um fator singular que estimulou tamanha produção de representações cartográficas, concordando que historicamente o desenvolvimento da cartografia jornalística esteve intimamente relacionado ao noticiário de guerra (RISTOW, 1957, MONMONIER, 1989, GREEN, 1999, entre outros). Esse discurso de guerra que se manifestou

nesses mapas jornalísticos permitiu a construção de uma narrativa heroica, atrelada ao ponto de vista dos vencedores e conquistadores – a polícia e as forças militares, enquanto representantes do Estado e da política de ocupação de favelas. Considerando o enquadramento narrativo na prática jornalística, que pode se comportar como na literatura (MOTTA, 2007), pode-se destacar dos mapas das figuras 2 e 3 os personagens e cenários que compõem o enredo da narrativa dessa “guerra do Rio”. Esses personagens e cenários, quando articulados nos mapas, produziram determinadas representações, nas quais a natureza dramática da narrativa jornalística favoreceu a produção de alteridades tipo herói/vilão como na ficção.

Os mapas sobre a guerra podem trabalhar nesse mesmo sentido, segundo Monmonier (1991): “Úteis para representar os seus adversários como os vilões, os mapas também podem anunciá-lo como o herói” (p. 105). Portanto, na narrativa jornalística a guerra pode ser o palco onde se pode representar de maneira clara e fácil a luta do bem contra o mal, onde se pode apontar os heróis e os vilões e esperar o clamor popular em favor da extinção dos malfeitores. A fala sobre a guerra intuitivamente sugere a alteridade

entre os vilões e os heróis, entre os territórios inimigos e os aliados e entre os derrotados e os conquistadores.

Ao mesmo tempo, Novaes (2014) afirmou que a representação das favelas na imprensa brasileira geralmente reforçou um senso de alteridade, sendo referidas como o Outro nesses discursos jornalísticos e através de mapas, já que “Ao incluir ou excluir as favelas dos seus mapas, os jornais frequentemente representavam estas áreas através de divisões entre ‘nós’ e ‘eles’, ‘moderno’ e ‘atrasado’, ‘legal’ e ‘ilegal’” (p. 2). No caso dos mapas jornalísticos sobre as UPPs, o tópico favela se junta ao guerra para delimitar simultaneamente alteridades tais como favela/‘asfalto’ e ‘favelado’/‘não-favelado’ das matrizes discursivas que inferiorizam a favela e vilão/herói e inimigo/aliado das narrativas sobre a guerra.

3 - O favelismo nos mapas jornalísticos sobre as UPPs _____

Na parte anterior demonstrou-se que alteridades podem ser reconhecidas nos mapas jornalísticos sobre os tópicos guerra e favela, produzindo uma determinada imagem do Outro. Mas afinal, o que é o Outro? Aqui se concorda

com a seguinte definição de Enrique Dussel (1982):

O outro é a noção precisa com a qual denominaremos a exterioridade enquanto tal, a histórica, e não a meramente cósmica ou físico-vivente. O outro é alteridade de todo sistema possível, além do “mesmo” que a totalidade sempre é. (...) O outro se revela realmente como outro, em toda a acuidade de sua exterioridade, quando irrompe como o mais extremamente distinto, como o não habitual ou cotidiano, como o extraordinário, o enorme (fora de norma), como o pobre, o oprimido (p. 49).

A representação dessa ideia de Outro pode ser reconhecida nos presentes mapas jornalísticos sobre as UPPs na figura das populações ou indivíduos associados à favela. Historicamente, os moradores das favelas do Rio de Janeiro têm sido considerados o Outro no imaginário social (ZALUAR e ALVITO, 1998), assim como, da mesma forma, a favela têm sido considerada o território da violência na cidade (MISSE, 2008; MACHADO DA SILVA, 2010; LEITE, 2014). A ligação imediata entre violência e favela sempre foi recorrente nos grandes veículos de mídia (BRITO, 2013), sendo o

discurso midiático sobre a violência, como afirma Elizabeth Rondelli (1997), um espaço de construção de representações dentro do qual se fabrica imagens sobre um Outro demonizado, em contraponto a uma imagem de ordem produzida simultaneamente.

Márcia Pereira Leite (2014) afirma que, quando se considera a favela como o território da violência na cidade, se produz o seguinte efeito: “a reatualização dos senti-dos de perigo e ameaça supostamente oferecidas por essas localidades e seus moradores ao restante da cidade e, em decorrência, das fronteiras espaciais, sociais e morais entre esses espaços e populações” (p. 626). Isso, por sua vez, “alimenta e justifica a formulação de uma política de segurança pública cujo principal vetor é encontrado na ‘guerra às favelas’” (Ibid.). Nesse sentido, a autora reconheceu que a ‘metáfora da guerra’ se constituiu, no contexto do Rio de Janeiro, “como um dispositivo matriz de referência de discursos em torno da alteridade como ameaça” (LEITE, 2014, p. 629). Operando a ‘pacificação’ de favelas a partir dessa ‘metáfora da guerra’, a autora coloca que:

(...) o sentido de ‘guerra’ por ele [o dispositivo da ‘metáfora da guerra’] mobilizado não é mais o de um conflito frontal a atacar as bases do

poder em um determinado território e que, no caso que examinamos, envolve inclusive a possibilidade de extermínio dos ‘favelados violentos’ por meio da recorrência do dispositivo auto de resistência. A ‘guerra’ é, no campo da ‘pacificação’, concebida e operada como uma espécie de ‘guerra de movimento’, isto é, como um meio para obter uma modalidade específica de ‘paz’: não apenas o fim dos confrontos armados e, com isso, a redução da violência e da insegurança nas áreas da cidade em que se situam as favelas ‘pacificadas’, mas sobretudo o estabelecimento de um novo modo de vida nessas localidades por meio da disciplinarização/normalização de parte de seus moradores e do controle social coercitivo sobre aqueles tidos como ‘injustáveis’, sobretudo os moradores mais jovens usualmente identificados como ‘favelados violentos’. (LEITE, 2014, p. 636)

A ‘metáfora da guerra’ tal como Leite (2014) apresentou é um dispositivo matriz de discursos e práticas sobre as favelas cariocas que se manifestaram na política de ‘pacificação’, onde a favela e os ‘favelados’ foram identificados como uma ameaça a ser mantida sob controle do Estado. A autora reconheceu a política das UPPs como uma reedição da proposta dos antigos parques proletários construídos na

cidade no século XX, cuja intenção era “civilizar os moradores de favelas” (p. 637). Leite (2014) identificou nesses discursos e práticas sobre a favela o que chamou de favelismo, onde se “busca colonizar aqueles territórios [das favelas] e civilizar aquela população, ali produzindo dispositivos de ordem territorial e de normalização específicos para reconfigurar as favelas ‘pacificadas’ como margens disciplinadas e ‘integráveis’” (p. 637).

No trabalho de Márcia Pereira Leite, favelismo é uma referência direta ao orientalismo desenvolvido por Edward Said, definido pelo autor como “uma instituição organizada para negociar com o Oriente – negociar com ele fazendo declarações a seu respeito, autorizando opiniões sobre ele, descrevendo-o, colonizando-o, governando-o: em resumo, o orientalismo como um estilo ocidental para dominar, reestruturar e ter autoridade sobre o Oriente” (SAID, 1990, p. 15). O argumento de Said (1990) sobre os discursos e práticas orientalistas se baseou na ideia de que o Ocidente, para se definir como ‘racional’, ‘civilizado’, ‘moderno’ e ‘masculino’, precisou conceituar o Oriente como ‘irracional’, ‘bárbaro’, ‘atrasado’ e ‘feminino’. Para o autor, a alteridade produzida através do orientalismo, enquanto prática de

representação eurocêntrica, legitimou a forma na qual o Ocidente tratou o Oriente como ontologicamente inferior, e por isso sujeito à sua dominação e colonização.

O favelismo, tal como apontado por Leite (2014), pode ser um termo adequado para definir práticas e discursos sobre a favela que produzam alteridades nas quais, de maneira análoga ao orientalismo, o dominador construa uma imagem negativa do dominado para construir uma imagem positiva de si mesmo, com o objetivo de legitimar a dominação da favela e de sua população. Dominar aqui significa não apenas controlar territorialmente mas ‘colonizar’ a favela, no sentido de inferiorizar os seus moradores para promover e aplicar na favela um ideal civilizatório a ser imposto de maneira coercitiva – no caso da UPP, através da força policial. No favelismo, a oposição a ser produzida pelas elites seria entre uma cidade formal, o chamado ‘asfalto’, reduto das áreas nobres e turísticas, bem estruturado e civilizado, berço dos ‘cidadãos de bem’, pagadores de impostos, versus a favela informal, violenta, desordenada, precária, ‘fábrica de produzir marginal’, como declarou Sérgio Cabral Filho, ex-governador do Rio de Janeiro⁶.

O favelismo pode se apresentar como um tipo de colonialismo interno

(SIDAWAY, 2000), onde os discursos e práticas racistas produzidas pelas nações colonizadoras ocidentais são importados pelas elites dos países colonizados e reproduzidos em âmbito interno, estabelecendo alteridades com relação a um Outro interno e periférico, considerado enquanto “‘forças do mal’ além de uma imaginada ‘fronteira urbana’” (p. 599). Leonardo Name (2013) apontou que as práticas eurocêntricas de dominação do Outro e seus espaços sobrevivem como tradição e herança dos povos colonizados, criando-se no presente tais colonialismos internos, definidos pelo autor como:

(...) práticas políticas oficiais ou extraoficiais que repartem de maneira acintosamente desigual o bolo dos bens e serviços e que priorizam investimentos em determinadas regiões, estigmatizam e marginalizam povos, pessoas e espaços, e visam ao atendimento quase irrestrito dos interesses de uma pequena elite geralmente branca, heterossexual e burguesa. (NAME, 2013: p. 41-42)

No caso das representações cartográficas do jornal O Globo sobre a “guerra do Rio”, a imagem do Outro e do seu espaço produzida através do favelismo pode preencher a alteridade herói versus

vilão construída pelos mapas jornalísticos de guerra, tal como nos mapas das figuras 2 e 3. Nesse discurso fica claro que o vilão está intimamente associado à favela e que este é um espaço inimigo. O herói e o espaço aliado, portanto, estão situados em um lugar oposto – o ‘asfalto’. Nessa narrativa jornalística de conquista territorial da favela, esta foi inferiorizada e através das representações dessa inferioridade pode-se extrair diversos significados, como o da favela sendo o espaço da violência, o espaço ‘bárbaro’ a ser conquistado e civilizado, o espaço da precariedade material e intelectual, o espaço banido da ‘cidade formal’, etc. Considerando que o ponto de vista do jornal O Globo na cobertura jornalística sobre as UPPs foi o das classes dominantes, e que as ‘geografias imaginativas’ contribuem para demarcar o ‘nosso’ espaço e o espaço ‘deles’ – ‘asfalto’ e favela, respectivamente –, então esses mapas jornalísticos sobre as UPPs uma clara expressão visual do favelismo.

Ainda que o jornal tenha representado em seus mapas apenas a imagem do narcotraficante como um inimigo declarado, qualquer habitante da favela têm sido historicamente identificado como um inimigo público potencial pela mídia (BRITO, 2013, p. 87), o que também pode ser visto na gestão do

cotidiano nas favelas ‘pacificadas’, que “não se restringe ao ‘recolhimento das armas’ [dos narcotraficantes], mas se dirige aos moradores de favelas” (LEITE, 2014, p. 634). Márcia Pereira Leite (2014) coloca que:

(...) para além da supressão do domínio armado dos traficantes sobre o território das favelas, é a sociabilidade usual nesses territórios, que o Estado supõe estar emaranhada nos nós das redes do ilegal e do ilícito, o efetivo (embora não explícito) objeto da “guerra” operada pelo programa de “pacificação”. Dessa angulação, argumento, a “guerra” é atualizada como conflito entre a face do Estado que se apresenta nesses territórios através das UPPs e os moradores dessas localidades. Isso indica que, nas favelas “pacificadas”, ainda que as armas dos traficantes e da polícia estejam (quase sempre) recolhidas, as relações de força da segunda em relação à população local subsistem, apoiando-se, em última instância, nos primeiros. E, mais do que isso, no contexto da “pacificação” das favelas, práticas violentas e/ou abusivas não são, como antes, justificadas como eventuais “excessos” ou “desvios de conduta” dos policiais (embora tenham um limite em relação aos dispositivos do campo da metáfora da

guerra, como veremos adiante). Desta feita, são assumidas como práticas estatais legítimas porque configurariam a necessária reação contra aqueles que desejam (e/ou conspiram por) o retorno do domínio dos traficantes de drogas sobre as favelas e/ou a persistência do “modo de vida” consistente com ele, isto é, aquele desenvolvido em torno do ilegal e do ilícito. (LEITE, 2014, p. 633-634)

Sendo assim, os moradores das favelas foram tão alvos da política das UPPs quanto os narcotraficantes. Ao mesmo tempo, se o objetivo da “guerra do Rio” foi a conquista policial-militar da favela, isso não poderia ser realizado sem dominar através do poder policial-militar os seus moradores. Dessa forma, em uma representação da conquista territorial de favelas cariocas pelo Estado empreendida através desses mapas, é impossível não considerar os moradores da favela como um Outro vilanizado, ainda que estes sejam silenciados quase que absolutamente nos mapas. Nesse sentido, cabe acrescentar aqui que nos discursos produzidos através de uma imagem “a invisibilidade pode ter efeitos tão poderosos quanto a visibilidade” (ROSE, 2001, p. 157-158), assim como os mapas podem dizer muito através dos seus

‘silêncios’ (HARLEY, 2009). Assim sendo, é possível dizer que o favelismo dessas representações cartográficas se dirige a qualquer indivíduo associado à favela.

Últimas considerações: favelismo e representações de matriz colonial _____

Nos mapas do jornal O Globo sobre as UPPs, a imagem mais exibida é a do conquistador, representado através das forças policiais-militares e do seu armamento, sendo eles o braço armado do Estado e dos interesses por trás da política de militarização das favelas. Harley (2009) reconheceu que desde a Renascença os poderosos se fizeram representar nos mapas europeus, especialmente através de decorações cartográficas, possuindo elas um papel simbólico tal que “suscitam igualmente pensamentos políticos e geográficos mais concretos no espaço cartografado” (HARLEY, 2009, p. 18).



Figura 4: Nova Europæ Descriptio (1680), de Frederick DeWit. Fonte: <https://s-media-cache-ak0.pinimg.com/originals/a6/e6/b1/a6e6b1e0585de63fae5186ccb01d94c.jpg>

Da mesma forma, os mapas sobre as UPPs trazidos neste trabalho se utilizam de elementos pictóricos para representar o poder do Estado sobre a favela, através da imagem dos soldados, armas e veículos de guerra. Chamar esses elementos de decorativos é, por si só, uma denominação que não corresponde ao papel importante desses elementos nas representações de poder produzidas pelos mapas, de forma que “a ideia segundo a qual a decoração cartográfica seria um exercício estético marginal não é mais aceitável” (HARLEY, 2009, p. 17). Harley (2009) apontou que os ‘dominados’ também foram representados nas decorações cartográficas: “Olhando os mapas da América do Sul no século XIV estabelecidos pelos exploradores franceses ou os mapas britânicos dos territórios africanos no século XIX, a decoração contribui para agregar uma série de estereótipos e preconceitos raciais às regiões representadas” (HARLEY, 2009, p. 18). Essa representação estereotipada do Outro era feita de maneira mais grotesca nos mapas das coloniais dos países europeus, visto que “Em outros casos, os símbolos de ‘alteridade’ tomavam

a forma de um racismo bizarro. Os indígenas são representados cavalgando um avestruz ou um crocodilo, se dedicando ao canibalismo, os são qualificados de ‘selvagens’ nas molduras ou, como num mapa francês do século XVIII como formando uma raça de homens e de mulheres com caudas” (HARLEY, 2009, p. 19).

Nesse sentido, a decoração cartográfica produziu representações do conquistador e do conquistado nos antigos mapas produzidos na Europa, demarcando simbolicamente a posição de cada um no espaço mundial. Os estereótipos e preconceitos estiveram presentes nos mapas europeus sobre a América do Sul desde o início da sua colonização pelas nações europeias. Essas representações produziram uma imagem inferiorizada do Outro, nas quais se pode identificar que certos povos indígenas do continente americano – os que não eram aliados dos colonizadores – foram representados através da imagem do ‘canibal’. Essa descrição monstruosa dos índios nos mapas dos conquistadores europeus, segundo Joaquín Barriandos (2011), representou uma alteridade cartográfica onde se podia identificar o território ‘bárbaro’ e a ‘civilização’ nos mapas do chamado Novo Mundo.



Figura 5: Trecho do mapa *Delineatio omnium orarum totius Australis* (1596), de Arnoldus Florentius van Langren. Fonte: <https://s-media-cache-ak0.pinimg.com/originals/10/8e/23/108e23469c8c592920d8e85d6ee06894.jpg>

Barriendos (2011) trouxe a hipótese de que esses mapas coloniais fazem parte de um conjunto de regimes visuais racializantes produzidos a partir da chegada dos europeus na América, cuja matriz de poder se perpetua até a atualidade, operando a partir dela a ‘colonialidade do olhar’ (*colonialidad del ver*), definida como “regime visual baseado na polarização e inferiorização entre o sujeito que observa e seu objeto (o sujeito observado)” (BARRIENDOS, 2011, p. 15). Para Barriendos (2011), o significado dessa cartografia sobre a alteridade canibal do ‘Novo Mundo’ precisa ser compreendido a partir do contexto do pretexto religioso dos indígenas como ‘canibais’ e ‘bárbaros’ para utilizar a sua força de trabalho e dar continuidade a exploração dos metais preciosos na América. O ‘descobrimento’ do ‘Novo

Mundo’ e a invenção da monstruosidade ‘canibal’ de indígenas se correspondem simetricamente, constituindo uma cultura visual etnocêntrica e “antropófaga pelo Outro” (BARRIENDOS, 2008, p. 5 - 6), ou seja, na ânsia de consumir a imagem do Outro, os conquistadores o ‘canibalizam’ por sua “fome de alteridade” (BARRIENDOS, 2011, p. 14).

Barriendos (2011) afirma que este regime visual racializante produzido durante a invenção do ‘Novo Mundo’ têm sido perpetuado até hoje, frente a atualidade das representações de alteridade construídas pelo Ocidente sobre o Oriente e os povos considerados ‘bárbaros’ e ‘não-civilizados’ (SAID, 1990). A partir disso, o autor afirmou “a atualidade da lógica etnocêntrica, sobre a qual são postos em marcha os processos de inferiorização racial e epistêmica que têm caracterizado os diferentes regimes visuais da modernidade/ colonialidade” (BARRIENDOS, 2011, p. 14). Os mapas nos quais a imagem do ‘canibal’ foi exibida foram produzidos a partir de uma matriz visual da colonialidade, constituindo um tipo de imagem que faz enunciações do ponto de vista ocidental-colonial. Considerando o ‘favelismo’ (LEITE, 2014) como uma matriz de representações de alteridades internas baseado no modo de ver eurocêntrico, sendo assim uma forma

de ‘colonialismo interno’ (SIDAWAY, 2000), é possível dizer que os mapas do jornal O Globo sobre as UPPs mostrados neste trabalho foram produzidos a partir dessa mesma matriz visual. Assim sendo, é possível dizer que esses mapas jornalísticos dão continuidade geo-histórica à alteridade cartográfica enraizada a partir das formas de representação de matriz colonial.

No entanto, existe uma diferença cabal entre os mapas que exibiam os ‘canibais’ e os mapas jornalísticos sobre as UPPs. Nos primeiros o conquistador era invisível, enquanto que o Outro era escancarado, tendo por estratégia visual “fazer aparecer o objeto selvagem e, ao mesmo tempo, fazer-se desaparecer enquanto sujeito da observação” (BARRIENDOS, 2008, p. 5). Nos mapas sobre a UPP, o conquistador é a grande referência visual do conjunto – ainda que apenas a imagem do braço militarizado do Estado se faça visível, permanecendo oculta a elite burguesa com interesses na política de ‘pacificação’. Por outro lado, o conquistado é invisibilizado. Isso faz com que, diferentemente dos mapas das terras ‘canibais’, o território ‘bárbaro’ nesses mapas sobre a UPP (a favela) seja identificado através da presença ostensiva dos conquistadores.

Agradecimentos: agradeço ao meu orientador André Reyes Novaes e aos professores Leonardo Name e Gilmar Mascarenhas pelas preciosas e decisivas contribuições a esse trabalho.

NOTAS

* Arquiteto urbanista formado na Universidade Federal Fluminense (UFF), mestre em Geografia pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ) e atualmente doutorando em Geografia pelo Programa de Pós-graduação em Geografia (PPGEO) da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ).

¹ Unidade da PM em prédio de creche gera protestos no Morro Dona Marta. O Globo, Rio de Janeiro, 28 nov. 2008. c. Rio, p.15.

² Disponível em: <http://www.upprj.com/index.php/o_que_e_upp>. Acesso em: 10 jun. 2015.

³ De acordo com a matéria “A crise nas UPPs”, por Sylvia Debossan Moretzsohn, “nada arranha a imagem das UPPs” nas notícias veiculadas pelas Organizações Globo. Disponível em: <http://www.observatoriodaimprensa.com.br/news/view/a_crise_nas_upps/>. Acesso em: 14 abr. 2014.

⁴ Maurício Abreu (1994) destaca que a favela foi representada de forma dual, onde por vezes se os jornais também abordaram questões sobre a miséria ou a identidade cultural nas favelas, por exemplo. Mas neste trabalho se privilegia os aspectos de criminalização das favelas.

⁵ Ver Rodrigues (2017).

⁶ Cabral apóia aborto e diz que favela é fábrica de marginal. Folha de São Paulo, 25 out. 2007.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS _____

ABREU, Maurício de Almeida. Reconstruindo uma história esquecida: origem e expansão inicial das favelas do Rio de Janeiro. *Espaço & Debates*, n. 37, 1994. p. 34-46.

AZÓCAR, Pablo e BUCHROITHNER, Manfred. *Paradigms in Cartography: An Epistemological Review of the 20th and 21st Centuries*. Berlin: Springer, 2014.

BARREIRA, Marcos. Cidade Olímpica: sobre o nexos entre reestruturação urbana e violência na cidade do Rio de Janeiro. In: BRITO, Felipe; OLIVEIRA, Pedro Rocha de (orgs.). *Até o último homem: visões cariocas da administração armada da vida social*. 1. ed. São Paulo: Boitempo, 2013.

BARRIENDOS, Joaquín. *Apetitos extremos: La colonialidad del ver y las imágenes-archivo sobre el canibalismo de Indias*. Disponível em: <http://eipcp.net/transversal/0708/barriendos/es/print>. 2008. Acesso em 25 jul. 2015

_____. *La colonialidad del ver - Hacia un nuevo diálogo visual interepistémico*. Nómadas, Bogotá, Universidad Central Bogotá, v. 35, , 2011. p. 13-29.

BRITO, Felipe. Considerações sobre a regulação armada de territórios cariocas. In: BRITO, Felipe; OLIVEIRA, Pedro Rocha de (orgs.). *Até o último homem: visões cariocas da administração armada da vida social*. 1. ed. São Paulo: Boitempo, 2013.

BRITO, Felipe; OLIVEIRA, Pedro Rocha de (orgs.). *Até o último homem: visões cariocas da administração armada da vida social*. 1. ed. São Paulo: Boitempo, 2013.

CARDOSO, Cristiane. O espaço e o lugar na favela: as diferentes representações e identificações sobre a Favela da Maré, Rio de Janeiro. *Geosul*, v.30, n.59, 2015. p. 145-166.

CHURCHILL, Robert; STEGE, Hope. From Afghanistan to Iraq in Media Maps: Journalistic Construction of Geographic Knowledge. *Cartographic Perspectives*, n.54, 2006.

COSGROVE, Denis. *Geography and Vision: Seeing, Imagining and Representing world*. Londres e Nova Iorque: I.B. Tauris, 2008.

CRAMPTON, Jeremy; KRYGIER, John. *An Introduction to Critical Cartography*. ACME: An

International E-Journal for Critical Geographies, n. 4 (1), 2006. p. 11-33.

CULCASI, Karen. Cartographically constructing Kurdistan within geopolitical and orientalist discourses. *Political Geography*, n. 25, 2006. p. 680-706.

DRIVER, Felix. *Imaginative Geographies*. In: CLOKE, Paul; CRANG, Philip; GOODWIN, Mark (orgs.). *Introducing Human Geographies*. London: Arnold, 2005.

DUSSEL, Enrique. *Filosofia da Libertação na América Latina*. 2. ed. São Paulo: Loyola, 1982.

FERRAZ, Sonia. Desordem/ Ordem na cidade, políticas de segurança e violência. In: RIBEIRO, Ana Clara; EGLER, Tamara Tania Cohen; SÁNCHEZ, Fernanda (org.). *Política governamental e ação social no espaço*. Rio de Janeiro: Letra Capital, 2012. p. 167-174.

FOUCAULT, Michel. *A Arqueologia do Saber*. 7. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2008.

_____. *A Ordem do Discurso*. São Paulo: Loyola, 1998.

GILMARTIN, Patricia. The Design of Journalistic Maps/ Purposes, Parameters and Prospects. *Cartographica*, v.22, n.4, 1985. p. 1-18.

GIRARDI, Gisele. Leitura de mitos em mapas: um caminho para repensar as relações entre geografia e cartografia. *Geografias*, v. 1, n. 1, 2000. p. 41-50.

GREEN, David. Journalistic Cartography: Good or Bad? A Debatable Point. *The Cartographic Journal*, v. 36, n. 2, 1999. p. 141-153.

GREGORY, Derek. Between the book and the lamp: Imaginative geographies of Egypt, 1849-50. *Transactions of the Institute of British Geographers*, v. 20, n. 1, 1995. p 29-57.

HARLEY, John Brian. Mapas, saber e poder. *Confins*. v. 5. 2009. Disponível em: <<http://confins.revues.org/index5724.html>>. Acesso em: 02 mar. 2015.

KITCHIN, Rob; PERKINS, Chris; DODGE, Martin. Thinking about maps. In: KITCHIN, Rob; PERKINS, Chris; DODGE, Martin (Orgs.). *Rethinking maps*. New York: Routledge, 2009. p. 1-25.

KOSONEN, Katariina. Maps, newspapers and nationalism: The Finnish historical experience. *GeoJournal*, v. 48, 1999. p. 91-100.

LEITE, Márcia Pereira. Entre a 'guerra' e a 'paz': Unidades de Polícia Pacificadora e gestão dos territórios de favela no Rio de Janeiro. *Dilemas: Revista de Estudos de Conflito e Controle Social*, v. 7, n.4, 2014. p. 625-642.

MACHADO DA SILVA, Luiz Antonio. A experiência das UPPs: Uma tomada de posição. *Dilemas: Revista de Estudos de Conflito e Controle Social*, v. 8, n. 1, 2015. p. 7- 24.

MISSE, Michel. Sobre a acumulação social da violência no Rio de Janeiro. *Civitas*, Porto Alegre, v. 8, n. 3, 2008. p. 371-385.

MONMONIER, Mark. *How to lie with maps*. Chicago: University of Chicago Press, 1991.

_____. *Maps with the news: the development of American journalistic cartography*. Chicago: University of Chicago Press, 1989.

MOTTA, Luiz Gonzaga. Teoria da notícia: as relações entre o real e o simbólico. In: MOUILLAND, Maurice; PORTO, Sérgio. D. *O Jornal: da forma ao sentido*. Brasília: Editora UNB, 2002. p. 305-319.

MOTTA, Luiz Gonzaga. Enquadramentos lúdico-dramáticos no jornalismo: mapas culturais para organizar conflitos políticos. *Intexto*, v. 2, n. 17, 2007. p. 1-25.

MOUILLAND, Maurice; PORTO, Sérgio. *O Jornal: da forma ao sentido*. Brasília: Editora UNB, 2002.

NAME, Leonardo. *Geografia pop: o cinema e o outro*. Rio de Janeiro: Ed. PUC-Rio: Ed. PUC-Rio, 2013.

NOVAES, André Reyes. Favelas and the divided city: mapping silences and calculations in Rio de Janeiro's journalistic cartography. *Social & Cultural Geography (Print)*, v. 15, 2014. p. 201-225.

_____. *Fronteiras Mapeadas - Geografia Imaginativa das Fronteiras Sul-Americanas na Cartografia da Imprensa Brasileira. Tese (Doutorado em Geografia) - Departamento de Geografia da Universidade Federal do Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2010.

_____. *Geopolítica e Imprensa: Richard Edes Harrison e o Papel dos Mapas Midiáticos na História da Geopolítica*. *Geonorte*, v. 7, 2013. p. 131-146.

OLIVEIRA, Pedro Rocha de. *Golpes de vista*. In: BRITO, Felipe; OLIVEIRA, Pedro Rocha de (orgs.). *Até o último homem: visões cariocas da administração armada da vida social*. 1. ed. São Paulo: Boitempo, 2013.

RISTOW, Walter. *Journalistic Cartography. Surveying and Mapping*, v. 17, n. 4, 1957. p.369 - 390.

RODRIGUES, Liebert. *A Unidade de Polícia Pacificadora através dos mapas do jornal O Globo: uma narrativa da conquista territorial da favela carioca*. 2017. Dissertação (mestrado em Geografia). Rio de Janeiro: Universidade do Estado do Rio de Janeiro, 2017.

RONDELLI, Elizabeth. *Mídia e violência: ação testemunhal, práticas discursivas, sentidos sociais e alteridade*. *Comunicação e Política*, n.3. Centro Brasileiro de Estudos Latino-Americanos, 1997. p.141-160.

ROSE, Gillian. *Visual Methodologies: An Introduction to the Interpretation of Visual Materials*. Londres: Sage publications, 2001.

SAID, Edward. *Orientalismo: O Oriente como invenção do Ocidente*. São Paulo: Cia. das Letras, 1990.

SIDAWAY, James. *Postcolonial geographies: an exploratory essay*. *Progress in human geography*, v. 24, n. 4, 2000. p. 591-612.

_____. *Militarização da questão urbana*. *Lutas Sociais*, n. 29, 2012. p.117-129.

TEIXEIRA, Eduardo. *A "doutrina da pacificação"*. *Passa Palavra*, 2011. Disponível em: <<http://passapalavra.info/2011/01/34214>>. Acesso em: 13 dez. 2014.

_____. *Unidades de Polícia Pacificadora: O que são, a que anseios respondem e quais desafios colocam aos ativismos urbanos?*. *Passa Palavra*, 2010. Disponível em: <<http://passapalavra.info/2010/06/25554>>. Acesso em: 13 dez. 2014.

WOOD, Denis. Rethinking the power of maps.
New York: Guilford Press, 2010.

ZALUAR, Alba; ALVITO, Marcos. Um Século de
Favela. Rio de Janeiro: FGV, 1998.

THE JOURNALISTIC MAPS ABOUT THE PEACEKEEPING POLICE UNITS AS A VISUAL REPRESENTATION OF *FAVELISM*

ABSTRACT: IN THE CONTEXT OF THE CONFLICTS ARISING FROM THE DEPLOYMENT OF THE PEACEKEEPING POLICE UNITS IN THE FAVELAS OF RIO DE JANEIRO, THE NEWSPAPER O GLOBO REPRESENTED THE FAVELA IN ITS NEWS ABOUT THAT THEME. ASSUMING THAT MAPS ARE IMAGES THAT PRESENT THEMSELVES AS 'TRUTHS' ABOUT SPACE AND THAT THE NEWSPAPER IS A COMMUNICATION VEHICLE THAT MANUFACTURES 'TRUTHS', THE PRESENT WORK AIMS TO DEMONSTRATE THAT THESE JOURNALISTIC MAPS PRESENTED A FORM OF REPRESENTATION WHICH CAN BE RECOGNIZED AS FAVELISM. IN REFERENCE TO EDWARD SAID'S ORIENTALISM, FAVELISM WAS THE TERM CREATED BY MÁRCIA PEREIRA LEITE TO DENOMINATE THE HEGEMONIC REPRESENTATIONS THAT INFERIORIZED A CERTAIN OTHER - THE INDIVIDUALS ASSOCIATED WITH THE FAVELA AND ITS SPACE. WE WILL ANALYZE FAVELISM AS AN ARRAY OF INFERIORIZING DISCOURSES THAT HAVE MANIFESTED THEMSELVES IN THESE JOURNALISTIC MAPS, WHICH HAVE PRODUCED AND REPRODUCED A PARTICULAR GEOGRAPHICAL IMAGINATION ABOUT THE FAVELLED AREAS.

KEYWORDS: FAVELISM; JOURNALISTIC MAPS; FAVELA; PEACEKEEPING POLICE UNITS; IMAGINATIVE GEOGRAPHIES; DISCOURSES ABOUT THE OTHER.

LOS MAPAS DE LOS PERIÓDICOS SOBRE LAS UNIDADES DE POLICIA PACIFICADORA COMO REPRESENTACION VISUAL DEL *FAVELISMO*

RESUMEN: EN EL CONTEXTO DE LOS CONFLICTOS DERIVADOS DE LA IMPLANTACIÓN DE LAS UNIDADES DE POLICÍA PACIFICADORA EN LAS FAVELAS DE RIO DE JANEIRO, EL DIARIO O GLOBO REPRESENTÓ A TRAVÉS DE MAPAS LA FAVELA EN SU NOTICIERO SOBRE EL TEMA. DESDE EL PRINCIPIO DE QUE LOS MAPAS SON IMÁGENES QUE SE PRESENTAN COMO 'VERDADES' SOBRE EL ESPACIO Y QUE EL PERIÓDICO ES UN VEHÍCULO DE COMUNICACIÓN QUE FABRICA 'VERDADES', EL PRESENTE TRABAJO TIENE COMO OBJETIVO DEMOSTRAR QUE ESOS MAPAS DE LOS PERIÓDICOS PRESENTARON UNA FORMA DE REPRESENTACIÓN QUE PUEDE SER RECONOCIDA COMO FAVELISMO. EN REFERENCIA AL ORIENTALISMO DE EDWARD SAID, EL FAVELISMO FUE EL TÉRMINO ACUÑADO POR MÁRCIA PEREIRA LEITE PARA DENOMINAR LAS REPRESENTACIONES

HEGEMÓNICAS QUE INFERORIZARON UN DETERMINADO OTRO - LOS INDIVIDUOS ASOCIADOS A LA FAVELA Y SU ESPACIO. ANALIZAMOS EL FAVELISMO COMO UNA MATRIZ DE DISCURSOS INFERORIZANTES QUE SE MANIFESTARON EN ESOS MAPAS DE LOS PERIÓDICOS, QUE PRODUJERON Y REPRODUJERON UNA DETERMINADA IMAGINACIÓN GEOGRÁFICA SOBRE LAS ÁREAS FAVELIZADAS.

PALABRAS CLAVE: FAVELISMO; MAPAS DE LOS PERIÓDICOS; UNIDADE DE POLICÍA PACIFICADORA; GEOGRAFÍA IMAGINATIVA; DISCURSOS SOBRE EL OTRO.